

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O paradoxo da agulha ou a ambição do currículo de História

Helenice Aparecida Bastos Rocha*

Resumo

No paradoxo bíblico da agulha, Jesus Cristo teria afirmado a impossibilidade de entrada dos ricos no Reino dos Céus. A partir dele, elaboro uma reflexão sobre a dificuldade do ensino do currículo de História tal como se apresenta na contemporaneidade. Esse fenômeno ocorre tanto com o currículo que está prescrito em propostas oficiais, bem como com o que consta da tradição escolar, nos planos de curso ou livros didáticos. No lugar de tomarmos o professor como o responsável pelo problema do currículo, proponho outra reflexão. A proposta é conhecer a extensão de sua tarefa e suas práticas como estratégias para fazer o "camelo" do currículo da História passar pela "agulha" do limite do tempo escolar. Realiza-se um breve exercício de arqueologia de algumas práticas docentes, no que se refere ao currículo de História. O material analisado provém de pesquisa em que busquei conhecer as estratégias utilizadas pelos professores para a compreensão dos alunos em aulas de História.

Palavras-chave: currículo, ensino de história, formação de professores

Abstract

In the biblical short tale of the needle, Jesus Christ affirmed that was impossible for the rich to be accepted in Heaven. From this, I develop a reflection about the difficulty of the curriculum of History teaching in contemporaneity. This phenomenon occurs in such a way with the curriculum that is prescribed in official proposals, as well as in the school tradition, in the plans of the classes or in didactic books. Otherwise we consider the teacher as the responsible for the curriculum problem, I propose another reflection. We should begin to know the extension of his tasks and practices as strategies to make the "camel" of curricular of History to pass through the "needle" of the limits of time of a class. This reflection begins in a short exercise of archeology in some teacher's practices in the History curriculum. The material that I had analyzed comes from the research I realized in the teacher's strategies to the student's comprehension in History class.

Key-words: Curriculum, history teaching, teacher's formation

No discurso bíblico, há uma expressão proverbial atribuída a Cristo que impacta pelo paradoxo colocado: seria mais fácil passar um camelo por uma agulha do que fazer um rico entrar no reino dos céus (Novo Testamento, Mateus 19:24). Tal expressão possivelmente significava para os antigos a descrição de uma impossibilidade. Indo além, significava que, para entrar nos reinos dos céus, os ricos necessitariam despojar-se do que lhes seria mais valioso. Caso contrário, até um camelo passaria por uma agulha. Os ricos, não.

Este Simpósio não é religioso, nem a pretensão deste texto, que fala sobre o currículo de História e sua ambição. Entretanto, o paradoxo citado esboça o argumento que

* Doutora, Professora-adjunta do Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro.

apresento: o currículo da História escolar, no que se refere aos conteúdos de ensino, é extenso, denso e complexo. Basta passarmos os olhos pelo índice de um livro didático do Ensino Fundamental para compreendermos os atributos acima. E a tendência desse currículo, ao longo das últimas décadas, é a de tornar-se mais extenso e complexo ainda. Será ele possível de concretizar-se plenamente, enquanto objeto de ensino-aprendizagem?

Proponho fazermos o esforço de conhecermos a extensão da tarefa do professor e sua tarefa e compreendermos suas práticas como estratégias para fazer o camelo do currículo tradicional de História passar pela agulha do limite do tempo escolar e de outras condições de produção da aula.

É um breve exercício de “arqueologia” de algumas práticas docentes, no que se refere ao currículo praticado de História. Será feito a partir de material de pesquisa em que busquei as estratégias de professores de uma escola pública e outra particular para fazer seus alunos compreenderem o conhecimento histórico escolar no Ensino Fundamental. A metodologia de pesquisa utilizada foi de inspiração etnográfica, com um trabalho de campo intensivo em duas escolas, em que aulas de História foram observadas e analisadas sob diferentes aspectos. Especialmente a interação verbal entre alunos e professores foi objeto de atenção, a partir do enfoque enunciativo escolhido. A escrita foi alvo de registro o mais próximo possível da forma realizada, e a fala de professores e alunos foi gravada e transcrita para análise (Rocha,2006).

Por conta do escopo deste trabalho, focalizo as formas como duas professoras da quinta série da escola pública pesquisada elaboram o currículo dessa série, no início do ano. Busco evidenciar as estratégias utilizadas por cada uma no esforço de fazer comportar no tempo escolar o currículo de História, como cada uma o concebe. Aparentemente ao contrário do que argumento no início, as professoras reelaboram o currículo de forma a que se torne viável, em suas concepções.

A natureza comparativa do trabalho apresenta riscos, já que o objeto em análise é complexo. Entre esses riscos, há uma tensão ou desconforto pela possível exposição dos sujeitos da pesquisa diante dos leitores, normalmente evitada pelo pesquisador da escola. Acredito que o sigilo sobre as identidades, o objetivo de compreender as estratégias desses professores na elaboração curricular em sua diversidade e a clareza de que em seu contraste saltam elementos para a análise, são aspectos que justificam o risco do empreendimento.

Aspectos da arqueologia do ensino de História

O termo arqueologia é utilizado aqui com aproximação à proposta de busca das dimensões materiais escolares (infra-estrutura, murais, disposição da sala de aula, planejamento), indícios que possam revelar características da escola e da sala de aula (BONAMINO ET AL, 2005: 2). Na pesquisa de campo realizada em 2004, elas foram consideradas na constituição da cultura escolar das escolas. A dimensão da orientação metodológica de cada professor, a regulação dos tempos e espaços, além de outros aspectos apontados por professores e alunos também foram considerados (ROCHA, 2006).

O planejamento curricular

Na escola pública pesquisada, os professores de História começam o ano informando a seus colegas em que ponto do conteúdo pararam, para que prossigam: “ *Eu terminei nos gregos, você pode começar nos romanos*”... “ *Eu terminei nas navegações, mas acho bom você recapitular para seguir adiante*”... Têm autonomia para deliberar sobre o plano de curso, optando por uma abordagem cronológica do conhecimento histórico escolar, chamada aqui de tradicional por ser a que prevalece nas escolas do Rio de Janeiro e possivelmente do Brasil.

Como fator principal para a forma como organizam o currículo na escola, alegam a existência de dificuldades de os alunos interpretarem o conteúdo da disciplina. Diminuem a proposta curricular em todas as séries e/ou eliminando alguns conteúdos. Esse enxugamento deliberado da proposta é acompanhado por opções metodológicas declaradas de alguns professores: fazer um trabalho mais *conceitual* (apesar da direção cronológica) ou de mais repetição de menos conteúdos, para melhor *fixação* (denominações atribuídas pelos próprios professores).

Contribuindo com essas escolhas individuais de realização do currículo, o plano de curso é uma relação sumária de pontos em um programa de orientação cronológica, o que facilita a cada professor ter autonomia para dar a direção metodológica e ocupar o tempo de suas aulas como julga se mais proveitoso, a partir desses tópicos. Vejamos a primeira unidade do plano de curso da quinta série, como ponto de partida da viagem do camelo da História:

Tema central: O homem, as relações sociais, a natureza, o trabalho e a cultura.

Unidade I: Iniciando o estudo da História – Introdução ao campo do conhecimento histórico, seus métodos e ferramentas de trabalho, seus objetos de estudo.

- O que é História
- Como se escreve a História
- Como se conta o tempo na História

O plano de curso não é extenso, constando de quatro unidades temáticas. De fato, não é. Devemos lembrar que ele corresponde ao ano de introdução dos alunos de dez a doze anos aos estudos históricos. Mas uma característica desse plano é estar sumarizado. Ou seja, resumido. Ele está aberto às possibilidades de desdobramento que os professores enxergarem nele. Assim, vale diferenciar o currículo proposto do currículo praticado, mesmo quando o autor da proposta é seu praticante.

Estes professores têm autonomia para organizar seus currículos ou planos de curso desde o planejamento inicial, com a seleção e sínteses de conteúdos que julgam essenciais. Nessa seleção, obedecem à tradição estabelecida não só para o currículo da série como para os das demais. As alterações mais relevantes são algumas supressões e o adiamento de alguns conteúdos. Por exemplo, Roma, tradicionalmente apresentada na quinta série, vai para o início da sexta. Não existe acordo entre os professores sobre essas alterações, mas todos concordam que existe um problema com os alunos e que essa é a solução possível.

Em entrevistas ou na observação do processo da pesquisa, registrei outras condições que parecem contribuir para as decisões tomadas pelos professores, ao formularem o plano de curso dessa maneira, que apresento aqui como fazendo parte dessa arqueologia:

- O nível de alfabetização e de letramento dos alunos¹. Se os alunos a partir da quinta série apresentam problemas de leitura e escrita, com baixo desempenho acadêmico, isso afeta o seu rendimento em História, bem como em outras disciplinas. Nessa escola afirmava-se que os alunos apresentavam problemas de alfabetização, que os impediriam de realizar a interpretação do que lhes era trazido, especialmente por escrito. Essa condição contribuía para a reprovação dos alunos, que acabavam tendo um desvio de sua faixa etária em relação à série.

¹ Letramento, segundo a proposta de Soares, é um estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. Já alfabetização, segundo a mesma autora, tem a ver com o domínio das tecnologias da leitura e escrita. (Soares, 1998:47).

- As condições materiais de produção e reprodução de textos e exercícios. Na escola em questão, essa condição é problemática, apesar de não ser crítica. As condições de reprodução de materiais são limitadas e o livro didático nem sempre está disponível, como no ano da pesquisa. Além disso, a biblioteca escolar quase nunca está aberta, por falta de funcionários, e seu acervo é muito restrito, dilapidado ao longo dos anos.

- As condições para deslocamento dos alunos em atividades fora da escola (excursões e passeios). Uma das professoras se queixava da falta de ônibus e de colaboração da direção para levar os alunos a lugares relacionados aos temas tratados, como museus.

- Enturmação. De acordo com as características gerais das turmas, os professores conseguem mais ou menos sucesso em seu trabalho. Nessa escola, os alunos foram enturmados por idade (dos mais novos aos mais velhos). Na quinta série foram formadas seis turmas com em torno de trinta e cinco alunos. As quatro primeiras ficaram sob a responsabilidade de uma professora, Mônica. As duas últimas, dos mais velhos, com a outra, Claudia.

- A expansão ou diminuição do tempo escolar. Nessa escola as aulas têm a perda, com variações, de ao menos 20 a 30% de seu tempo por: greves ou paralisações, falta de água, de merenda, de professores, ausência de controle de horário, pela entrada de pessoas em sala (vendedores, coordenadores ou anunciantes das mais diversas coisas) ou pela realização de reuniões no dia ou horário da aula, como os conselhos de classe. Além disso, no dia em que saem mais cedo, os alunos têm aulas menores ou oferecidas simultaneamente (o professor se desloca entre salas)². Ou seja, nessa escola, o currículo tem em torno de 75% da carga horária prevista para sua realização.

Um camelo obediente a ordens diversas

Vejamos como as duas professoras concretizaram a primeira unidade do currículo através dos quadros de atividades, em que os conteúdos também são apresentados.

QUADROS DE ATIVIDADES

² É a prática chamada de *adiantamento de aula*, em que o professor passa alguma tarefa para os alunos fazerem sem sua presença o tempo todo em sala. Habitualmente são cópias do quadro, leituras e/ou exercícios.

CEI M	TURMA 502	Profa Mônica	
DIA/ Nº horas aula	ATIVIDADES	DETALHAMENTO	TEMAS CONTEÚD OS
03/03 02	<ol style="list-style-type: none"> Exposição oral e elaboração coletiva de noções; Escrita simultânea de quadro comparativo sobre passado recente e passado remoto; conclusão oral pela professora e escrita de síntese no quadro; 	<ul style="list-style-type: none"> A professora organizou a atividade 1. a partir de desenhos feitos pelos alunos (tarefa de casa anterior) e analisados previamente por ela; Escrita no quadro pela professora/ cópia e no caderno pelos alunos; 	Introdução à História - passado recente - passado remoto
05/03 01	<ol style="list-style-type: none"> Exercício 	<ul style="list-style-type: none"> Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos; 	Introdução à História - passado recente - passado remoto
10/03/ 02	<ol style="list-style-type: none"> Exposição didática oral; Escrita de síntese; Tarefa de casa: redação sobre história de vida do aluno; 	<ul style="list-style-type: none"> Escrita no quadro pela professora/ cópia no caderno pelos alunos; 	Introdução à História - sentido do estudo da História
12/03 01	<ol style="list-style-type: none"> Exposição didática oral; Escrita de síntese; 	<ul style="list-style-type: none"> Escrita no quadro pela professora/ cópia no caderno pelos alunos; Entrega da redação; 	Introdução à História - sentido do estudo da História
19/03 01	<ol style="list-style-type: none"> Devolução da redação com comentários; Exposição didática: Registro da linha de tempo de vida de cada um; Exercício; 	<ul style="list-style-type: none"> Destaque no quadro de aspectos ortográficos e de pontuação que os alunos precisavam rever em suas redações; Comparação discursiva: passado e presente em texto pessoal; Notações específicas de linha de tempo; Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização 	Introdução à História - fato histórico - marco histórico - linha de tempo: notações

		no caderno pelos alunos;	
24/03 02	1. leitura comentada de trecho do L.D; 2. Escrita de síntese sobre o tema; 3. Exercício;	<ul style="list-style-type: none"> Em voz alta, pelos alunos/comentários da professora; Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos; 	Introdução à História - fato histórico - marco histórico - linha de tempo
26/03 01	1. Correção de exercícios da aula anterior; 2. Exercícios;	<ul style="list-style-type: none"> Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos; 	Introdução à História - fato histórico - marco histórico - linha de tempo
31/03 02	1. Correção de exercícios da aula anterior; 2. leitura comentada de trecho do L.D; 3. Exercícios.	<ul style="list-style-type: none"> Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos; Leitura em voz alta pelos alunos/comentários da professora; Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos; 	Introdução à História - Cronologia

CEI M	TURMA 505	Profa Claudia	
DIA/ Nº horas aula	ATIVIDADES	DETALHAMENTO	TEMAS CONTEÚDOS
01/03 02	1. Leitura comentada de livro didático;	<ul style="list-style-type: none"> A professora leu o texto do LD em voz alta, mandou a turma sublinhar alguns trechos e fez comentários, fazendo também algumas perguntas. 	Introdução à História - cronologia
04/03 01	1. Exposição oral; 2. Leitura comentada de livro didático;	<ul style="list-style-type: none"> Escrita no quadro pela professora/ cópia no caderno pelos alunos; A professora leu o texto do LD em voz alta, mandou a turma sublinhar alguns trechos e fez comentários, 	Introdução à História - Cronologia

		fazendo também algumas perguntas.	
08/03/ 02	1. Leitura comentada do livro didático; 2. Exercício 3. Início de correção;	<ul style="list-style-type: none"> A professora mandou alguns alunos lerem o texto do LD em voz alta, mandou a turma sublinhar alguns trechos e fez comentários, fazendo também algumas perguntas. Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelo alunos; 	Introdução à História - cronologia
11/03 01	1. Correção do exercício da aula anterior; 2. Exercícios;	<ul style="list-style-type: none"> Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos; 	Introdução à História - cronologia
15/03 02	1. Correção de exercícios da aula anterior; 2. Leitura comentada do livro didático; 3. Exercícios; 4. Inspeção em cadernos de alunos;	<ul style="list-style-type: none"> Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos; A professora mandou alguns alunos lerem em voz alta, mandou a turma sublinhar alguns trechos e fez comentários, fazendo também algumas perguntas. Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos; 	Introdução à História -cronologia - linha de tempo
25/03 01	1. Correção de exercício anterior; 2. Leitura comentada do livro didático;	<ul style="list-style-type: none"> Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos; A professora mandou alguns alunos lerem em voz alta, mandou a turma sublinhar alguns trechos e fez comentários, fazendo também algumas perguntas. 	Pré-história
29/03 02	1. Exercícios;	<ul style="list-style-type: none"> Leitura e orientação pela professora. Realização pelos 	Pré-história

		alunos.	
--	--	---------	--

Se examinarmos a última coluna em cada tabela, veremos que Mônica dedicou o mês de março para o estudo da primeira unidade, que é a História, seu sentido e noções correlatas. Ela procurou elaborar as noções de *passado recente* e *passado remoto* e somente depois as de *fontes* e *marcos*, tanto pessoais quanto históricos. Por último, fez os procedimentos de transformação de datas representadas em algarismos arábicos para algarismos romanos. Já a segunda professora, Claudia, dedicou três semanas de trabalho nessa unidade enfatizando a cronologia, especificamente ao procedimento de transformação de datas. Na quarta semana do mês ela já iniciava a segunda unidade, com a Pré-história.

Ou seja, a primeira professora trabalhou os três tópicos apresentados no plano para a primeira unidade. Esse trabalho tomou-lhe um mês letivo. A segunda, não tratou do primeiro tópico, passou brevemente pelo segundo e enfatizou o terceiro. Esse trabalho tomou-lhe três semanas letivas. Mas não foi apenas a escolha dos tópicos o que definiu o tempo escolar de trabalho com o currículo.

Se voltarmos nossa atenção para as primeiras colunas, que evidenciam a orientação metodológica do trabalho, veremos que a primeira professora realizou seu trabalho através de exposições, solicitou aos alunos tarefas como desenhos e redações em que apresentavam suas noções prévias e que serviram de base ao trabalho e registrou no quadro o resumo das exposições da aula. Ao final, exercitou o conhecimento trabalhado. Já nas aulas de Claudia prevaleceu a leitura comentada de expressões do livro didático e exercícios de fixação através de exercícios de alguns aspectos destacados nessa leitura.

Breve análise e conclusão

O que levou as duas professoras a elaborarem o currículos de forma tão diferente, se o plano de curso apresentava três tópicos para o ensino? A maior parte das condições apresentadas anteriormente para a realização do trabalho afetava as aulas das duas professoras. Há duas condições, entretanto, que se alteram e se relacionam. São as do nível de letramento e alfabetização dos alunos e sua enturmação. As turmas de Mônica são as mais novas e com menos problemas relativos à leitura e escrita. Os alunos com mais problemas relativos à alfabetização são os que vão compor as turmas de alunos mais velhos, os principais

candidatos à reprovação, como é o caso de uma parcela significativa dos alunos da turma da professora Claudia.

Aqui temos uma condição poderosa para a seleção curricular: o perfil do alunado quanto ao domínio da leitura e escrita. A observação das aulas e as entrevistas realizadas com Claudia permitem inferir que ela considera que os alunos não conseguem ler com autonomia. Diferentemente de Mônica, ela realiza a leitura por almejar que eles aperfeiçoem sua leitura através dessa prática e aprendam História no mesmo ato de leitura.

Mas é em dois fatores que não aparecem como indícios evidentes na arqueologia escolar que completamos o périplo do camelo do currículo de História. A formação do professor, responsável em parte pela definição do que ele julga importante ou não ensinar e aprender, e sua visão do aluno, tanto em uma perspectiva mais ampla, antropológica, ou humanista, até sua expectativa de pré-requisitos do aluno, vão conformar o currículo de história possível. Essas duas professoras tiveram formações iniciais e em serviço diferenciadas. Por conseguinte, o saber docente que é referência para suas práticas e seleções curriculares também se diferencia.

Vimos aqui que um professor preocupado em avançar com o conteúdo consegue fazê-lo. Entretanto, suas escolhas, o que inclui o ritmo que impõe ao trabalho de ensino-aprendizagem e a orientação metodológica, vão constituir a história ensinada de forma diferenciada diante dos alunos. Nas turmas acompanhadas na pesquisa, essa diferença expressou-se na compreensão maior ou menor do conhecimento histórico pelo aluno. Assim, o que vale mais a pena: o camelo da História passar pela agulha ou a constituição de sentidos mais relevantes para a História ensinada?

Referências bibliográficas

- BONAMINO, Alicia Maria Catalano de; BERNADO, Elisangela da Silva; POLON, Thelma Lúcia Pinto. Da “Arqueologia” das escolas às práticas escolares: um estudo exploratório sobre as características das escolas participantes do projeto Geres no Pólo Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.abave.org.br>. Acesso em 30 mar.2007.
- ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. *O lugar da linguagem no Ensino de História: entre a oralidade e a escrita*. Tese (Doutorado em Educação). Niterói, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2006.
- SOARES, Magda. *Letramento: Um tema em três gêneros*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.